



## Crônicas Intimistas

**Enéas Athanázio**

A crônica é um gênero literário considerado leve, o que não significa que seja fácil. Nela, o autor tem as antenas ligadas para captar os temas “cronicáveis”, fiapos de vida às vezes mínimos, para transformá-los em belas páginas literárias. Rubem Braga chegou a usar o voo de uma borboletinha amarela, no centro do Rio, para produzir uma de suas mais belas crônicas.

Raquel Naveira, escritora prolífera e atuante nos periódicos destinados às letras, em seu livro “Leque Aberto” (Editora Penalux – S. Paulo – 2020) buscou caminhos diferentes e criativos nas crônicas que reuniu no volume. Tomando como ponto de partida velho leque encontrado nos guardados da mãe, distribuiu os textos em capítulos que melhor representam seu conteúdo: abre-se o leque, as hastes do leque, a renda do leque, os adornos do leque, fecha-se o leque, o mofo do leque e epílogo. Nas crônicas ela aborda os mais variados temas, inclusive filosóficos, psicológicos, históricos e outros, revelando-se sempre uma escritora erudita e bem informada nos mais diversos campos do conhecimento. Confesso que li o livro de ponta a ponta, contrariando a regra que aprendi de que a crônica deve ser lida uma a uma para bem saborear e reter seu conteúdo.

Chamou minha atenção em particular, neste livro, o caráter intimista de muitas crônicas, escritas com franqueza e sinceridade, como se a autora desejasse fazer confissões íntimas, revelar o que vai no fundo de sua alma, talvez procurando livrar-se de pensamentos pesados à maneira de quem se submete à psicanálise e, deitada no divã, coloca-os para fora. Por outro lado, é constante a busca do autoconhecimento.

No correr da leitura começam a despontar os agrados e desagradados da cronista. A vaidade avulta entre estas. “Vaidade de vaidades! É tudo vaidade! – escreveu o rei Salomão, por ela lembrado. E prossegue: “Confessemos o quanto somos vaidosos. O nosso cuidado exagerado com a aparência. O desejo de atrair admiração e elogios. A necessidade de ter a própria existência reconhecida.” Por desagradável que seja, a vaidade está em toda parte e os que “se acham e têm certeza” são cada vez mais numerosos.

Em outra passagem a autora confessa que é tomada do mesmo ímpeto deambulatório de Lima Barreto que palmilhava sem cansaço as ruas cariocas. Andar é um de seus prazeres. “Sou da estirpe dos andarilhos, – escreveu ela



- dos peregrinos, dos forasteiros. Ando bem e rapidamente pelas vias do tempo. Sinto-me sempre estrangeira. Não caibo aqui, mesmo sendo minha terra, mesmo sendo meu destino. E avanço, adiantando-me com o peito para a frente, navego estendendo velas brancas. Não posso parar. Parar não paro.” Faz-me lembrar de Neruda, que sonhava em percorrer todas as estradas do mundo.

Mais adiante ela confessa que se fosse flor seria uma margarida. Depois navega com a margarida nas lembranças de criança, nas lendas, nos fatos da vida, nas línguas, nas artes. A beleza da flor e seu significado. E conclui: “Beleza e bondade encantam e mudam as circunstâncias difíceis (ainda acredito nisso).”

Considerando a avassaladora presença do mal e a brutalidade reinante nos dias de hoje a autora escreve uma página dura mas realista. “Estamos leprosos, cheios de feridas emocionais que nos isolam do convívio com nossos semelhantes. A lepra penetra as raízes nervosas e faz com que não tenhamos mais sensibilidade. Estamos cativos de nossos erros imundos, negando a verdade. Não sentimos

mais a presença do divino em nós e no outro. É preciso clamar para que as cascas sejam retiradas e voltemos a ter compaixão. Livremo-nos desse mal bruto, que nos cega e nos dá aspecto de leões. Que caiam as escamas e cogumelos de nossos olhos. Que possamos ver.”

Para não me estender além do razoável, registro alguns pensamentos esparsos da cronista. “O teatro e a peste são benfazejos porque fazem cair as máscaras e põem a descoberto o quanto somos pobres, miseráveis e nus” (p. 106). “E eu me encontrei com Ricardo Reis, no Rio de Janeiro, certa vez. Assim, este ensaio é um delírio, um labirinto, um novelo, uma teia” (p. 148) “Às vezes, como Clícia, penso que carrego um fardo enorme. Meu corpo se curva e retorce como um girassol amargurado. De repente, quando vejo o sol lá no alto, abro-me em pétalas, ergo a face cansada e me entrego como oferta viva, pura, alma sedenta de luz” (p. 151) “Essas figuras preocupadas com a pouca comida são a representação da fome. Nos lugares com fome de ética, o povo padece fome” (p. 154) “Sentimo-nos sensíveis às mais diversas causas, choramos, empunhamos bandeiras, enquanto milhares de seres humanos morrem de fome ao nosso lado e não vertemos sequer uma lágrima por eles” (p. 156). “Não creio em felicidade. Tenho alegria, força, bom ânimo e escrevo” (p. 194) “Peço a vocês, meus queridos, que não me cremem. Que não destruam esse corpo que os amou, que gerou filhos e poemas, que se quebrou como vaso de barro em vários pontos. Cubram-me com um vestido de mangas longas e pintem meus lábios” (p. 200) “Somos sobreviventes quando continuamos vivos, depois de uma situação desastrosa” (p. 213).

Não quero encerrar sem uma palavra sobre o poema “Jardim Fechado”, uma beleza envolta em suave sensualidade onde tudo é dito sem usar as palavras para dizê-lo. Seriam desnecessárias (pp. 186/188).

Comentar o livro de Raquel Naveira é um desafio. Cada viés dele justificaria uma análise. Respingo aqui estas mal traçadas para que sobre ele não reine o silêncio neste cantão de praia.

Deixo no ar uma pergunta: a cronista é pessimista ou realista? Com a palavra o leitor. E assim se fecha o leque.

**Enéas Athanázio é escritor, crítico, advogado, professor, Promotor de Justiça aposentado, ensaísta, cronista, biógrafo e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Associação Nacional de Escritores.**



## O silêncio de Olga

Dinovaldo Gilioli

Revedo correspondências com escritores(as) brasileiras, e lá se vão mais de 35 anos, a de Olga Savary, de março 2015, me tocou pela grandeza de sua generosidade. Olga nos deixou em 15/05 de 2020, vítima da covid-19. Escritora, poeta, contista, romancista, crítica, ensaísta, tradutora e jornalista brasileira, Olga Savary, detentora de mais 50 prêmios nacionais e internacionais, com sua peculiar sensibilidade tinha sempre uma palavra de incentivo para os chamados novos escritores.

Conforme foto ao lado, Olga assim se expressa: "Dino querido, agradeço a gentileza do envio do seu livro *Cem poemas*, de ágil e inteligente poesia. A poesia - assim mesmo com P maiúsculo, aprecia a síntese, pois o excesso de palavras muitas vezes a mata. Ela, a Poesia, precisa de silêncio entre as palavras. O silêncio, nela, é fundamental, enquanto que o excesso é discurso de político, que muito fala e não significa nada. Caso queira, pode utilizar esta breve opinião..."

Como nunca a utilizei, o faço agora numa espécie de homenagem e agradecimento a essa escritora humanista, que neste 15 de maio faz um ano de sua viagem para sempre.

Segue um poema de Olga que faz referência a palavra silêncio. Vale a pena conhecer a obra dessa generosa e talentosa escritora!



divulgação

### Acomodação do desejo III

Olga Savary

Deito-me com quem é livre à beira dos abismos e estou perto do meu desejo.  
Depois do silêncio úmido dos lugares de pedra, dos lugares de água, dos regatos perdidos, lá onde morremos de um vago êxtase, de uma requintada barbárie estávamos morrendo, lá onde meus pés estavam na água e meu coração sob meus pés, se seguisses minhas pegadas e ao êxtase me seguisses até morrermos, uma tal morte seria digna de ser morrida. Então morramos dessa breve morte lenta, cadenciada, rude, dessa morte lúdica.

Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta. Tem 7 livros publicados. Dentre os quais: *Cem poemas* (editora da UFSC) e *Inventário de Auroras* (Costelas Felinas editora).

## LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)  
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal  
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000  
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - [www.xavierdelima1.wix.com/xavi](http://www.xavierdelima1.wix.com/xavi)

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores  
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

## O DIA EM QUE A TERRA PAROU

Nelson Marzullo Tangerini

Um vírus invisível ameaça todo o Planeta. Através da tv, assistimos ao sofrimento de chineses, italianos, espanhóis e outros povos. Não interessa, agora, saber quem é o pai da criança. Milhões de pessoas estão morrendo.

Pensar em nacionalismos ou religiões, neste momento, não adiantará nada. Todo discurso, neste sentido, é o absurdo dos absurdos, uma vez que o vírus vem derrubando fronteiras [fortemente militarizadas, muradas ou não].

Neste momento, em que nos encontramos em quarentena, minha esposa, eu e nosso totó, reforçamos nossas barricadas, enquanto, vez ou outra, lemos, escrevemos e ouvimos músicas. Qualquer semelhança com "O dia em que a Terra parou", de Raul Seixas, é mera semelhança. Maluco beleza? Profeta do apocalipse? Não importa. O baiano deixou uma obra em que devemos mergulhar, para revermos nossos conceitos, pois "é lá no tronco que está o coringa do baralho".

Escravizamos e exterminamos povos, calamos ou assassinamos opositores, poluímos solos, mares, rios, lagoas, lagos, mares e o ar, devastamos florestas, levamos vários animais à extinção. O lucro imediato e a economia estavam acima de tudo.

Neste momento em que o silêncio e o desespero se misturam, em que todas as atividades desumanas se congelam, o Planeta se recupera da poluição e os animais em vias de extinção (agora em vias de extensão) se reproduzem e se multiplicam.

O projeto genocida, de extinção das populações indígenas, na Amazônia, pelo governo fascista, continua em andamento.

"Certas canções que ouço" cabem tão bem dentro de mim, como a música *Instant Karma*, de John Lennon, aqui fragmentada. O ex-Beatle, também profético, já nos alertava: "O carma instantâneo vai pegar você, baterá direto na sua cara. É melhor você se recompor. Em breve você estará morto. No que você estava pensando, rindo na cara do amor? O que diabos você pensa que é? Um superstar? Junte-se à raça humana. É melhor você reconhecer seus irmãos".

Este é um grande momento para ouvirmos a boa música, aquela melodia, suave ou amarga, onde os loucos, profetas ou mestres nos deixaram mensagens inteligentes, belas e significativas. É um bom momento, também, para lermos ou relermos *A peste*, de Albert Camus. E para repensarmos sobre 2018, quando colocamos no poder uma cavalgadura.

Portanto, não adiantará nada você ser branco, negro, amarelo, vermelho, aborígene, europeu, africano, ocidental, oriental, irlandês, inglês, palestino, judeu, brasileiro, venezuelano, cristão [católico, ortodoxo ou protestante], muçulmano, budista, comunista ou capitalista. Na canção *We are all water*, de Yoko Ono, a intrusa japonesa nos diz que "somos todos águas de diferentes rios" e "que um dia evaporaremos juntos".

Talvez, depois de tudo isto, depois desta grande tempestade, você continue ignorando o que eu disse, o que eu digo, o que eu direi: "Você dirá que sou um sonhador, mas eu não sou o único. Espero que um dia vocês se juntem a nós e o mundo será como um só". Sonho meu? Sonho também de John, Gandhi e Martin Luther king. "Quando eu falava dessas cores mórbidas, quando eu falava deste temporal, você não escutou, você não quer acreditar. Mas isto é tão normal". Ou seja: "Eu avisei". Eu avisei que era fascismo. Eu avisei que uma inquisição poderia estar a caminho. A covid-19 mandou o mundo parar. Mas deixou o Planeta girando. E isto é um grande sinal de esperança.

Nelson Marzullo Tangerini é escritor, professor, jornalista e poeta. [nmtangerini@yahoo.com.br](mailto:nmtangerini@yahoo.com.br)

**Profa. Sonia Adal da Costa**

**Revisão**

**Aulas Particulares**

**Cel.: (11) 97382-6294**  
**soninhaabou@gmail.com**



## O OITAVO PECADO CAPITAL

Ely Vieitez Lisboa

**H**á livros, peças teatrais e filmes que são unívocos e propiciam reflexões sérias. A película francesa “Os Sete Pecados Capitais” é uma obra famosa, no cinema. Ela enfoca estes terríveis vícios humanos em sete histórias expressivas e atraentes. A narrativa sobre o ORGULHO é sutil e inteligente, a da GULA é cômica. O mais interessante, no entanto, é no final do filme. Após a sétima história, o narrador dirige-se ao público, pedindo-lhe que ainda não se vá, porque existe o OITAVO PECADO CAPITAL. Sem mencioná-lo, ele inicia o último relato. Aparece um corredor escuro e uma porta suspeita. De repente surge um tipo mal encarado. Após, vão aparecendo as criaturas menos esperadas, mais estranhas, e todas se dirigem para o mesmo lugar: uma menina inocente, um marinheiro, um velho, um ladrão, um padre, uma prostituta. A estas alturas, imaginam-se horrores: orgias, crimes, aberrações, pedofilia, bestialidades. A câmara desvela o mistério, mostrando o outro lado. É um palco, um teatro, e todas aquelas personagens insólitas são apenas atores. Este é o oitavo pecado capital: imaginar o mal onde ele não existe. Isto é próprio dos seres humanos e a lição é tão preciosa quanto o filme. Na vida e na literatura se vê que esta é uma verdade contundente. No filme Victor-Vitória, o tema é explorado à exaustão. Na realidade, nada é como se imagina; a teoria do ser e do parecer explicam muitos fatos. Relembro três episódios verídicos, como ilustração.

Estávamos em 1960. O bairro Sumarezinho não existia e diante do Colégio Estadual “Alberto Santos Dumont” havia mato alto; nem sinal de casas – só aquele prédio enorme, perto do matagal. Eram onze horas da noite. Acabada a aula, desci para o ponto de ônibus, sob a luz do primeiro poste. De repente surge uma mulher assustada, que se aproxima e me interpela com medo: – Posso ficar aqui com

ocê? Estou horrorizada: Você viu, viu? Ali daquele casarão (ela aponta para o Colégio), daquele breu, está saindo um monte de homens! E eles vêm vindo nesta direção!

Tentei acalmá-la, explicando que ali era uma escola e que o “montão de homens” eram alunos que se dirigiam para casa. Ela me olhou incrédula, cheia de dúvidas e afastou-se. Eu devia estar mancomunada com aquele antro de perdição...

O outro aconteceu em pleno dia. Eu lecionava em Jardinópolis e dava carona diária a três colegas, uma moça e dois professores. Eu a pegava primeiro, por questão de localização geográfica e os dois nos esperavam na Av. Jerônimo Gonçalves, com a General Osório. Certa manhã,

ouvi de alguém que estava em um bar, defronte nosso ponto de encontro: – Eu não sei não! Ai tem coisa! Todas as manhãs estas duas param o carro, os dois homens entram com um ar esquisito e os quatro somem, só Deus sabe para onde!

Mudam-se as terras, os países, os costumes, mas os seres humanos são sempre os mesmos. O terceiro depoimento foi uma passagem amarga, na Europa, em 1958. Eu tentava atravessar a fronteira da Espanha e ir para a França, onde estudava. Por inexperiência (ou fatalismo?) fiquei sem dinheiro e com problema de passaporte vencido. Enfrentei um mar de desconfiança, passei fome e frio (nevava, era dezembro) e apenas um sacerdote ajudou-me, sem pedir explicações. Grande lição! Mas o sacerdote católico espanhol é uma exceção.

O comum, o geral, é um duvidar do outro e às vezes até de si próprio. Essa é uma das causas principais de ser o oitavo pecado capital o mais cometido pelos seres humanos. Tudo são complexidades que fazem da existência um “happening” constante e do homem, um estranho ator nos palcos da vida.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.  
E-mail: [elyvieitez@uol.com.br](mailto:elyvieitez@uol.com.br)



Xavier

## CHICOTE ARTIFICIAL

O Romance

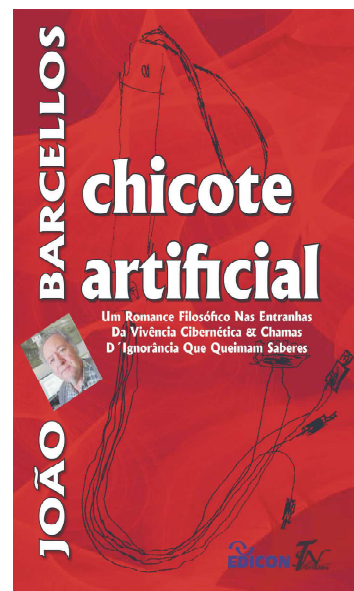
Mário G. Castro

**A** leitura de peças literárias, produzidas por João Barcellos, trazem sempre o novo para um painel crítico. Li o primeiro rascunho (para ele sempre o definitivo) baseado numa frase que ele escutou em Embu das Artes após uma palestra que ali proferiu. E, em plena pandemia, engajou-se aos assuntos rotineiros sociais e societários para nos dar uma visão, não a do Brasil ‘profundo’, mas da profundidade abissal em que o Brasil se encontra com a história própria de suas gentes.

Em cada capítulo e em cada parte do romance, ele inicia com um poema e uma brevíssima apresentação das origens do espaço urbano que tomou para cenário, no Brasil e em outros países.

Ele pegou aquela frase escutada num restaurante e transformou-a em porta de entrada para explicar como um notório narcotraficante se camuflou numa sociedade de poetas e filósofos para, logo, abrir a porta completamente e possibilitar-nos a descoberta do submundo que nos aterroriza social e tecnologicamente (leia-se milícias e ‘internet’), entre amores e ódios, submissões de gênero em ‘fraternidades’ que pregam o ódio.

Direcionada a todos os públicos, porque trata da sociedade como tal, o romance foi intitulado ‘Chicote Artificial’ por ter a ação, nem sempre social e republicana, das corporações ‘digitais’ como imagem a perpassar todos os quadros e cenários imaginados ou pinçados da realidade. João Barcellos



conseguiu formular a mistura fina com uma filosofia de crítica construtiva poeticamente estabelecida. Já tinha lido algo parecido em Walter Scott e em Ernest Hemingway, mas não com esta intensidade psicológica que choca e revolta. Mais uma vez, João Barcellos surge na praça literária com uma preciosidade. ‘Chicote Artificial’ é um romance da nossa era, da nossa idade e com os nossos problemas sociais e corporativos, entre a mulher que tenta ser e o homem que a domina e nela se ‘percebe’ senhor dos tempos e das gerações.

CASTRO, Mário G. de é  
Fotógrafo e Serigrafista.  
Rio de Janeiro, 2021.

## Sebo Brandão São Paulo

### Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 -  
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -  
[sebobrandao@gmail.com](mailto:sebobrandao@gmail.com) - Face: Sebo Brandão São Paulo  
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



# Cagiano, uma poesia moldada de desespero

Adelto Gonçalves

I  
*Observatório do caos* (São Paulo, Editora Patuá), livro de poesias de Ronaldo Cagiano, publicado em 2016, é uma continuação do inventário lírico de uma trajetória literária que, a rigor, começou com *Palavra engajada*, publicado em 1989, e havia sido rastreada até *O sol nas feridas*, de 2012, obra já de sua estada de dez anos na cidade de São Paulo, depois de uma trajetória de 28 anos em Brasília.

Em 2016, porém, o autor se aposentou após uma larga carreira como advogado de um banco estatal, transferindo-se para Portugal, depois de algumas experiências pessoais traumáticas nas ruas de São Paulo, em busca de um lugar que oferecesse paz ao cidadão. Talvez por isso este livro já mostre algumas das influências literárias que o poeta sofreu em solo português, o que está mais acentuado ainda nos quatro livros que publicou depois de estabilizado em terras lusas.

Como observa o poeta, ensaísta e crítico literário português Victor Oliveira Mateus no ensaio “Sociedade e ética na poesia de Ronaldo Cagiano”, que abre o livro à guisa de prefácio, esta obra constitui “um olhar meticuloso e arguto não só sobre o homem nas suas mundividências, mas também sobre a sociedade que o cerca e que ao poeta se mostra recorrentemente como um território polimorfo, ardiloso e que, o mais das vezes, ameaça aquilo que no ser humano faz dele algo singular e único neste planeta em que fomos chamados a estar”.

É o próprio Mateus quem traça essas influências, ao perceber que o fazer poético de Cagiano se aproxima desde cedo da obra de Fernando Pessoa e seu heterônimo Álvaro de Campos na maneira como busca se libertar dos paradigmas metafísicos. E se acentua na citação que ele faz de Florbela Espanca no poema “Viagem às vísceras do inacontecido”, que traz também uma referência a um “beijo negado no espalhar das cinzas do futuro no caos tenebroso desse Tejo de tantas ausências”.

Outra presença emblemática da literatura de língua portuguesa é a do moçambicano Mia Couto, com quem o autor estabelece um diálogo direto com seus poemas ou versos, como observa Matheus em seu rico ensaio. No poema “Releitura de um poema de Mia Couto”, Cagiano diz: (...) *Apenas agora / venci a escuridão dos silêncios / a sisudez dos lutos / a ignomínia das lutas, / porque sua energia intocável, / incendiou meus passos. / Sigamos, amada minha, / de peito aberto e alma desnuda / sobre a vida / desnudando a vida.*

O poema “Memória” traz também como epígrafe esta frase de Mia Couto: “o tempo, esse animal que defeca memória”. Além disso, em sua preocupação em dialogar com outros autores, Cagiano faz referência a versos do poeta português Gastão Cruz: *Estou certo, ainda, / após versos de Gastão Cruz / que na tritura / da moe(n)da dos dias / o homem esfarelado / descansará do inútil abismo / de onde / a luta versátil e imponderável / o luto perseverante e indolente / semearam seus ovos / & nos enredaram / em insondáveis caminhos.*

Já em “Vão território”, a epígrafe é um verso de outro poeta moçambicano, o jovem Amosse Mucavele: “a voz do rio seca torna-se num eterno guardador de silêncios”. Nessa poesia, diz: (...) *Corpo à deriva / tentando entender no ronco das marés / o rude aprendizado / da impalpável mudez da madrugada, / onde esconde-se a enxúndia da morte.*

II  
 A exemplo de *O sol das feridas*, nesta obra o poeta faz, uma vez mais, de seu ofício um diálogo com o cotidiano, procurando recuperar imagens da infância, como no poema “Trajeto” em que traz à tona as lembranças do pai, que tinha como profissão a de barbeiro numa cidade pequena, a Cataguases dos anos 60: *A vida perdida / nos quilômetros de rostos / depurados com perícia / Ele desconhece Dédalus / não sabe como sair de seu labirinto, / Teseu acorrentado / com fgado de Prometeu / Na hora medida do almoço / os mesmos pas-*

*sos contados / o mesmo perfume de Água Velva / legitimando a rotina insossa.*

No poema que leva o título “O barbeiro” faz outra homenagem ao pai: *De suas hábeis mãos / ele interroga as faces úmidas / no bailar da lâmina / desbasta o jardim de pelos / corrige / as voçorocas da pele. (...) artesanato de mãos / que nunca se fatigam / nem enferrujam: / máquina de vincar rostos / tão despídos de outros / encantos.* As lembranças estão ainda no poema “Resquícius” em que diz: *Do pai / restou o olhar migrante / perdido no vazio da casa / entre silêncios e vertigens / De carências e não-diálogos / fez-se o gesto-lâmina / que guardo junto com / a navalha espanhola, / única herança de estranho afeto.*

São poemas em que o poeta não disfarça que procura seguir também os passos de outros grandes poetas brasileiros, como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, o que fica claro em “Poema em linha torta” em que diz: *Ainda tenho medo / do chapéu de meu avô / (mas eu nunca tive avô) / de suas orelhas de abano / e seu silêncio antigo como o tempo / (feito o silêncio de seu filho).* Um poema que é dedicado ao poeta uruguaio Leonardo Garret, autor de *O livro dos suicidas* (Editora Letra Selvagem, Taubaté, 2019), cujo texto de apresentação na edição brasileira foi Cagiano quem escreveu.

Outro tema que permanece nos poemas de *Observatório do caos* é a (má) relação do poeta com a religião – ou a ausência desta em sua vida, substituída pelo culto à literatura e aos seus nomes universais. Feita e moldada de

desespero, sua poesia questiona sempre o sentido da vida para concluir que “*todas as manhãs / o sol traz um novo luto*, versos que encerram o poema “Abismos”.

É o que se constata também em “...onde estava Ele” que começa com a repetição de versos que já estavam no poema “Ad nauseam” de *O sol nas feridas*: ... *quando Hitler avançou / com seus coturnos, seus chuveiros letais / seus campos de concentração / sobre toda a humanidade?* Depois, o poeta enumera uma série de desastres e monstruosidades ocorridas no Brasil e no mundo e pergunta: (...) *Onde está Deus? / cujo poder não exercita? cuja vontade não realiza? Cujas bênçãos nunca vêm? / Onde está Deus / que não faz nada?* Perguntas que, hoje, muitos ateístas e mesmo muitos crentes repetem diante das perdas diárias de numerosas vidas ceifadas pela pandemia do coronavírus (covid-19).

III  
 Nascido em 1961 na mítica cidade de Cataguases, no interior de Minas Gerais, Ronaldo Cagiano é escritor, ensaísta e crítico literário. Embora vivendo há cinco anos em Portugal, mantém a ligação com a terra brasileira, publicando em diversos jornais e revistas do País e do exterior, dentre os quais *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte, *Jornal de Brasília*, *Jornal Opção*, de Goiânia, *Correio Braziliense*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista Cult*, de São Paulo.

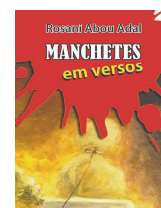
Estreou-se com o livro de poesias *Palavra engajada* (1989). Desde então, publicou *Colheita amarga & outras angústias* (poesias, São Paulo, 1990), *Exílio* (poesia, São Paulo, 1990), *Palavracesa* (po-

## Manchetes em Versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



esia, Brasília, 1994), *O prazer da leitura*, em parceria com Jacinto Guerra (contos juvenis, Editora Thesaurus, Brasília, 1997), *Prismas – literatura e outros temas* (crítica literária, Editora Thesaurus, Brasília, 1999), *Espelho, espelho meu*, em parceria com Jilson Portocalvo (infanto-juvenil, Brasília, 2000), *Dezembro indigesto* (contos, Brasília, 2001), primeiro lugar no concurso Bolsa Brasília de Produção Literária de 2001, *Concerto para arranha-céus* (contos, LGE Editora, Brasília, 2005), *Dicionário de pequenas solidões* (contos, Língua Geral, Rio de Janeiro, 2006), *Moenda de silêncios* (novela em parceria com Whisner Fraga, Dobra Ideias, São Paulo, 2012), *O sol nas feridas* (poesia, Editora Dobra, São Paulo, 2012), finalista do Prêmio Portugal Telecom de 2013, e *Eles não moram mais aqui* (contos, Editora Patuá, São Paulo, 2016; Editora Gato Bravo, Lisboa, 2018), terceiro lugar no Prêmio Jabuti de 2016.

Depois de *Observatório do caos*, publicou ainda *Diolindas*, em parceria com Eltânia André (novela, Editora Penalux, São Paulo, 2017), *Os rios de mim* (poesia,

Editora Urutau, Pontevedra, Espanha, 2018), *O mundo sem explicação* (poesia, Editora Coisas de Ler, Lisboa, 2019), e *Cartografia do abismo* (poesia, Editora Laranja Original, São Paulo, 2020). Organizou as coletâneas *Antologia do conto brasileiro* (Projecto Editorial, Brasília, 2001), *Poetas mineiros em Brasília* (Varanda Edições, Brasília, 2001) e *Todas as gerações – O conto brasileiro contemporâneo* (LGE Editora, Brasília, 2006).

*Observatório do caos*, de Ronaldo Cagiano. São Paulo, Editora Patuá, 180 págs., R\$ 38,00, 2016.

E-mail: [editorapatua@gmail.com](mailto:editorapatua@gmail.com)  
Site: [www.editorapatua.com.br](http://www.editorapatua.com.br)

**Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo, Tomás Antônio Gonzaga, Direito e Justiça em Terras d'El-Rei na São Paulo Colonial, Os Vira-latas da Madrugada e O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797*, entre outros.**  
[marilizadelto@uol.com.br](mailto:marilizadelto@uol.com.br)

## A VOZ DO SILÊNCIO

Raymundo Farias de Oliveira

A vida me ensinou que a tristeza se manifesta em várias tonalidades... às vezes se revela na voz do silêncio – voz soturna carregada de pungência que invade a delicadeza de nosso ouvido como dói!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e procurador do Estado aposentado.

## VERTIGEM

Evaldo Balbino

Menino peralta que quer ser atleta e de bicicleta começa a sonhar.

Pedala ligeiro tal como uma flecha que grande flecheiro dispara no ar.

Sobre a bicicleta ele é uma cascata que desce na encosta de um lindo lugar.

Vai pela calçada voando veloz; é pássaro, é peixe que sabe voar.

Assim o menino (barbatanas certas), de asas abertas voando bem alto, se faz acrobata – atleta do ar.

Evaldo Balbino é escritor, poeta e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [evaldo\\_balbino@yahoo.com.br](mailto:evaldo_balbino@yahoo.com.br)

## Esperança de Renascer

Rosani Abou Adal

Leito do Tietê em agonia, último suspiro do rio. Suas margens renascem entre dejetos e flores mortas. Suas águas, o esgoto humano habitante do seu silêncio. Pausa para a despoluição dos governantes e políticos, a esperança do Tietê ser um novo rio e renascer em um novo tempo puro, claro e transparente.

Rosani Abou Adal é jornalista, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. [www.poetarosani.com.br](http://www.poetarosani.com.br)

**O livro E EU SEI FAZER VERSOS? autoria de Lóla Prata, explica cerca de 80 modalidades poéticas.**



**R\$ 35,00 com suplemento atualizado. Encomendar para [lola@pratagarcia.com](mailto:lola@pratagarcia.com)**



## Mãe (Áurea Augusta Fernandes de Camargo)

(Na data de sua passagem ao mundo astral)

**Roseli B. de Camargo**

Mão que descreve em Círculo  
Os Ciclos da vida  
Na letra que ensina  
E na palavra que encaminha.

No profundo de seu olhar  
Traz água-fonte  
Uma bênção...  
Fluindo a essência  
Da força, do amor e da purificação  
do vir a ser.

Água, terra, fogo e ar.  
É árvore-evolução.

No coração-natureza  
Vive  
No centro  
Do eixo da vida  
É terra, é seiva a reviver  
No encanto  
De seu sorriso afetuoso.

Araraquara, 18/3/21

**Roseli Batista de Camargo é escritora, coordenadora do Curso de Letras - FESL Jaboticabal/ SP -, diretora do Núcleo Docente Estruturante. Mestre em Letras na área de Estudos Literários e doutora em Estudos Literários, pela UNESP-Araraquara.**

## TROVAS

**Débora Novaes de Castro**

Dói-me a alma, já saudosa,  
dos versos que não compus;  
foge a hora, desditosa,  
como bala de alcaçuz.

Na poesia dos meus versos,  
entre as estrelas e luas,  
há mil segredos imersos  
nas imagens que são tuas.

Eu tive, a noite inteirinha,  
você no meu travesseiro;  
quem me dera uma varinha  
o tornasse verdadeiro.

Vão troteando, galopeiras,  
as trovas pelos caminhos;  
singram águas, pantaneiras,  
ganham asas, passarinhos.

In: *Das Águas do Meu Telhado*,  
LivroArte, 1999.

**Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, professora, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP, 2004.**

## Histórias verdadeiras dos que morrem por amor

**Fernando Jorge**

Uma leitora do meu romance autobiográfico *Eu amo os dois*, lançado pela editora Novo Século, enviou-me uma carta, na qual escreveu:

“O senhor, no seu romance, narra que se apaixonou por uma jovem muito bonita, mas abandonou-a, depois de descobrir isto: ela amava também um primo. Amava os dois, o senhor e ele, devido a este conselho da mãe, repetido dezenas de vezes: minha filha, namore sempre dois rapazes, pois se um escapar, você ficará garantida com o outro.”

A leitora do meu romance quer saber se eu poderia morrer de amor, vítima de uma paixão. Respondendo negativamente. Nunca serei capaz de morrer por amor, pelo fato de ser um cerebral, dono seguro dos meus sentimentos afetivos. Só gosto de quem gosta de mim. Se gosto de uma pessoa e percebo que ela não gosta de mim, afasto-me logo dessa pessoa. É o meu cérebro que controla as minhas emoções...

Prezada leitora do meu romance *Eu amo os dois*, já disse e repito, se Deus, ao criar o homem e a mulher, colocou a cabeça acima do coração, e não o contrário, foi para que ela, a cabeça, possa controlar os nossos impulsos, os

nossos instintos, os nossos sentimentos.

Admito, todavia: muitos seres humanos podem morrer de amor, de paixão, de saudade. E não apenas por outro ser humano, mas também até por um animal.

Eu tinha um amigo que morreu por causa do seu grande amor por uma cadela. Durante anos ele passeava, todas as manhãs, com esse animal. Era uma cadela bela (rimou), de corpo grande, de pelos bem brancos. Ela o obedecia sempre. Se ele pedisse para ela abaixar a cabeça, a cadela abaixava. E se pedisse para se deitar, deitava-se: Cheguei a dizer a ele:

– Esta sua cadela parece ser uma linda mulher que se apaixonou por você. Até parece que você e ela se casaram, são marido e esposa.

Contudo, aos poucos, uma doença foi consumindo a cadela. Emagrecia cada vez mais. Um veterinário avisou o meu amigo:

– Ela só tem mais três meses de vida.

O meu amigo também foi emagrecendo cada vez mais. Perdeu oito quilos. E quando ela morreu, ele, também em pouco tempo, morreu de amor, de saudade...

**Fernando Jorge é escritor, jornalista e autor do romance *Eu amo os dois*, lançado pela Editora Novo Século.**

# LINGUAGEM VIVA

**Assinatura Anual: R\$ 140,00**

**Semestral: R\$ 70,00**

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante e endereço para  
**linguagemviva@linguagemviva.com.br**

**Tels.: (11) 97358-6255**

**SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!**

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

**CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.**  
**Xavier**  
(14) 3733-9568  
(14) 99161-0675  
(11) 97958-6182

**xavierdelima1.wixsite.com/xavi**



## Livros



**Se for sair, feche a porta**, ficção, de Hilda Mendonça, Scortecci Editora, São Paulo, 93 páginas.

ISBN: 978-85-366-5996-1.

A autora é escritora, professora, poeta, contista, romancista e pós-graduada em Literatura e em Ensino a Distância. Membro da Associação Nacional de Escritores e membro fundador da Academia Taguatiguense de Letras e da Associação dos Escritores de Passos e Região.

Segundo Ana Fátima Macedo, "Leitura deliciosa, instigante e que leva a várias reflexões sobre a vida e as consequências e riscos das nossas escolhas."

**Livraria Asabeça:**

[www.asabeça.com.br](http://www.asabeça.com.br)

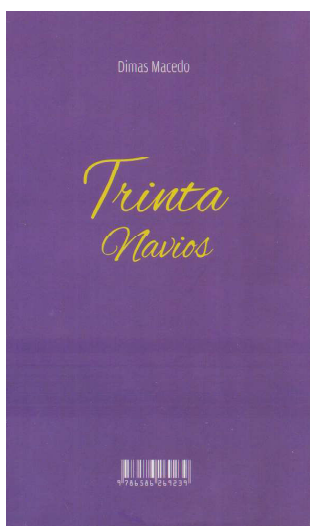
**O Jardim das Cordeirinhas**, contos de Djanira Pio, RG Editores, São Paulo, 96 páginas.

ISBN: 978-65-87604-28-2.

A autora é escritora, poeta e professora. Seus trabalhos foram publicados na França, Portugal e Itália. Membro da Academia Santarritense de Letras e da REBRA.

Segundo Cecy Barbosa Campos, Presidente da Academia Juiz-forana de Letras, "É um livro de ficção, mas passa-nos a impressão de que a autora se inspira em fatos e experiências e pessoas reais, fazendo uma combinação perfeita entre memória e imaginação."

**RG Editores:** [www.rgeditores.com.br](http://www.rgeditores.com.br)



**Trinta Navios**, de Dimas Macedo, Sarau das Letras Editora Ltda., Mossoró (RN), 184 páginas.

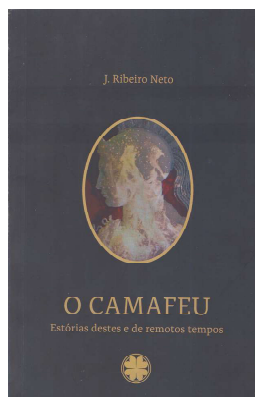
ISBN: 978-65-86269-23-9.

O autor é escritor, poeta, jurista, professor, crítico, historiador, memorialista, editor, contista, cronista e membro da Academia Cearense de Letras. Mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará.

Segundo Edmilson Caminha, "Diferentemente de escritores que nunca vão além da navegação de cabotagem, Dimas Macedo prova-se, com *Trinta Navios*, um capitão de longo curso, a velejar tranquilo pelas águas da grande Literatura. Para a felicidade nossa, passageiros privilegiados de uma travessia ao termo da qual nunca seremos os mesmos, pelo sentimento de que nos tornamos pessoas melhores, para quem, depois da invenção de Gutenberg, não há

viagem mais bela, nem mais prazerosa, do que ler um bom livro."

**Dimas Macedo:** [dimas.macedo@hotmail.com](mailto:dimas.macedo@hotmail.com)



**O Camafeu - Estórias destes e de remotos tempos**, contos de J. Ribeiro Neto, Editora Trevo, São Paulo, 180 páginas.

ISBN: 978-65-5810-01-7

O autor é escritor, contista, romancista, engenheiro e pós-graduado em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Sergipe. Atuou como conselheiro do CREA-SE. Autor de *Um Estórias*, *O Estigma do Casarão* - romance agraciado com o Prêmio MALBA TAHAN da União Brasileira de Escritores-RJ - e do romance *Leminiscata* que foi agraciado com o Prêmio AMANDO FONTES.

A obra reúne 26 contos. "Sarita, a espanhola, encharcou tudo aquilo em conhaque, aproximou uma vela acesa. Senti uma fisgada de angústia quando vi as chamas devorando

aquela mulher, a começar pelo meio do peito, onde ardia, em vermelho crepitante, um imaginário camafeu. Mas de pé, mãos dadas, formando um círculo com meus companheiros, eu me declarei livre de qualquer ligação com Edelvânia."

**José Ribeiro Neto:** [josedasilvaribeironeto@gmail.com](mailto:josedasilvaribeironeto@gmail.com)

**Aron: Cinema nas Veias - Feldman**, biografia, organizada por Cláudio Feldman, Santo André (SP), 184 páginas.

ISBN: 978-65-00-19203-2.

Cláudio Feldman é escritor, poeta, ficcionista e professor aposentado de Língua & Literatura. Autor de 57 livros de poesia, ficção, humor, Literatura, infantil e teatro. É membro da Academia de Letras do Brasil, em Brasília.

Aron Feldman, cineasta e fotógrafo, nasceu em Quatro Irmãos (RS), em 15 de Dezembro de 1919. Faleceu em 20 de junho de 1993, em Santo André (SP). Foi fundador e presidente do Foto-Cineclub de Bauru. Dirigiu filmes mudos como *Insônia* (1958), *Strip-Tease* (1962) e *Encanto de Morfeu* (1963). *Casqueiro* foi o primeiro filme sonoro que dirigiu, em 1966. O último filme *Afogados* (1992) foi premiado no Japão.

A obra retrata a vida e obra de um artesão de imagens, o cineasta Aron Feldman. Foi financiada pelo Fundo Municipal de Cultura de Santo André e Prefeitura de Santo André.

**Cláudio Feldman:** [claudiofeldman44@gmail.com](mailto:claudiofeldman44@gmail.com)



## Débora Novaes de Castro

**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

**Trovas:** DAS ÁGUAS DO MEU TELhado

**Poemas Devocionais:** UM VASO NOVO...

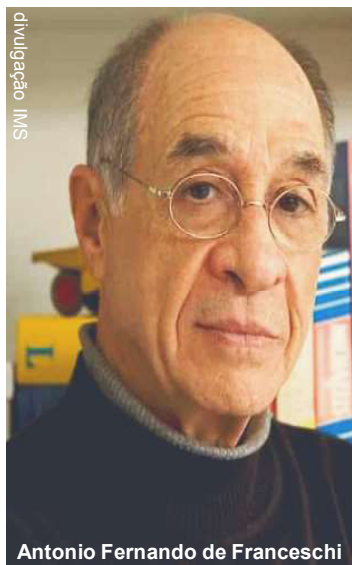
**Antologias:**

**Poemas:** II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

**Trovas:** II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

**Haicais:** II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

**Opções de compra:** 1. [www.deboranovaesdecastro.com.br](http://www.deboranovaesdecastro.com.br), LIVROS. 2. E-mail: [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br) 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Antonio Fernando de Franceschi

**Antonio Fernando de Franceschi**, escritor, poeta, jornalista, editor e crítico, faleceu no dia 31 de maio em São Paulo. Nasceu em Pirassununga (SP) em 1942. Exerceu o cargo de diretor do Museu de Arte de São Paulo, de diretor-superintendente do Instituto Moreira Salles e de editor responsável pelos *Cadernos de Literatura Brasileira* editados pelo Instituto Moreira Sales. Foi agraciado com o Prêmio Jabuti pelo livro *Tarde revelada* e com o Troféu APCA, na categoria Poesia, com *Caminho das águas*. Foi o criador da série *O Escritor por Ele Mesmo* e dos *Cadernos de Literatura Brasileira*. Autor dos livros de poemas *Tarde revelada*, *Caminho das águas*, *Sal*, *Fractais*, *A Olho Nu* e *Sete suítes*.

**Cesar Augusto de Carvalho** lançou o livro de contos *Histórias de Quem é expert* que abriga textos com o tema Muitos em um e Um escritor, Raul Seixas, Gilgamesh e a imortalidade, entre outros.

**A Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro** elegeu nova diretoria que será presidida por Danielle Paul, da Livraria Castro Alves, de Araruama (RJ).

**Isabel Cintra** lançou o livro infantil *Corvo-Correio* pela Mazza Edições. A obra também foi lançada em Angola, em dezembro de 2020.

**Maira Lot Micales** lançou *Livro de Colorir Caminho Suave* pela Editora Edipro.

**A Literare Books International** lançou o selo infantil Literare Kids. [loja.literarebooks.com.br](http://loja.literarebooks.com.br)

## Notícias

**Marco Lucchesi**, presidente da Academia Brasileira de Letras, participou de um colóquio internacional virtual, promovido pela Universidade de Évora, de Portugal, sobre a obra do filósofo Eduardo Lourenço com a palestra "Eduardo Lourenço: Guerra e Paz".

**Ignácio de Loyola Brandão**, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Paulista de Letras, é a personalidade da 63ª edição do Prêmio Jabuti que é promovido pela Câmara Brasileira do Livro.

**Dante José Alexandre Cid**, da Elsevier Editora Ltda., é o novo presidente do Instituto Pró-Livro para o biênio 2021- 2023. Ele exerce o cargo de Vice-Presidente para Assuntos Administrativos do Sindicato Nacional dos Editores de Livros. O Instituto, criado em 2006 pela Associação Brasileira de Editores e Produtores de Conteúdo e Tecnologia Educacional, Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livros, tem como objetivo transformar o Brasil em um país de leitores. [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br)

**A 7ª Jornada de Pesquisadores da Fundação Biblioteca Nacional**, com o tema "Memória e Preservação Digital", será realizada de 19 a 21 de outubro. Está confirmada a presença do Diretor Técnico Biblioteca Nacional da Espanha José Luís Bueren Gómez-Acebo. <https://www.bn.gov.br/jornada-pesquisadores>

**Alessandra Pontes Roscoe** lançou *Na palma da Mão* e *O cravo, a rosa e o jasmim*, infantojuvenil, pela Editora Canguru do Grupo Elementar.

**Bernardo Brayner** lançou o romance *Bicho Geográfico*, pela Editora Cepe, com apoio do Funcultural. A obra é uma narrativa memorial amparada por fotografias de álbum de família - uma espécie de álbum de fotografias antigas transformado pela lente da memória e da ficção.

**A Universidade Candido Mendes** promoveu live, comemorativa pelos 119 anos da instituição, no dia 2 de junho, com uma palestra virtual sobre os caminhos da educação na pandemia, com a participação do Magnífico Reitor Candido Mendes de Almeida - membro da Academia Brasileira de Letras -, do ex-senador Cristovam Buarque, do professor Cristiano Tebaldi e de pró-reitores da universidade. O evento está disponível no Youtube da Universidade Candido Mendes. <https://www.youtube.com/watch?v=lvRAAU516Y8>

**Dori Carvalho** lançou o livro de crônicas *Pequenas Conquistas Perdidas*, pela Editora Valer, em uma live realizada no dia 22 de maio, no facebook. O livro foi contemplado com o Prêmio Feliciano Lana – Secretaria de Estado da Cultura/AM, pela Lei Aldir Blanc, com os projetos: *Sangria* – cd de poemas e com o livro de crônicas *Pequenas conquistas perdidas*. A obra reúne 45 crônicas que foram publicadas nos jornais de Manaus, a partir do ano 2000.

**A Livraria Gato Sem Rabo**, dirigida e idealizada por Johanna Stein, reúne um acervo de obras escritas por mulheres. Inaugurada em 14 de abril, está localizada na Rua Amaral Gurgel, 338, em São Paulo (SP). (11) 99976-0011.



Almir Diniz

**Almir Diniz**, poeta, contista, cronista, jornalista e advogado, faleceu no dia 28 de maio em Manaus (AM). Nasceu em 6 de novembro de 1929, em Cambixé, município do Careiro - distrito do município de Manaus. Membro da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Foi agraciado com o Prêmio Esso de Reportagem Norte-Nordeste, com a matéria "Borracha: dinheiro, sangue e miséria". Trabalhou nos jornais *Folha do Povo*, *O Combate*, *A Crítica*, *O Jornal* e *Diário da Tarde*. Foi colaborador do *Linguagem Viva*. Exerceu os cargos de prefeito municipal de Careiro (AM), de diretor do Departamento Estadual de Trânsito do Amazonas, de representante do Amazonas na Associação Brasileira de Municípios e de procurador judicial do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas. Autor de *Encontros com a natureza*, *Caminhos da alma*, *Corpo de Mulher*, *Andanças poéticas*, *Os Deuses*, *Floradas do Corpo*, *No Portal da Eternidade*, *Algemas de Ternura*, *Plumas Humanas (Vestiduras e Adornos femininos)*, *A Virgem de Taipa e outros contos*, *O Mercador de Sonhos & Outros Contos*, *Pétalas e Penas*, *Melodia Pagã*, *Magia e Sedução*, *Mulheres*, entre outras importantes obras. Organizou O "Chá do Armando" em prosa e verso - *Tributo ao Samaúma Armando de Menezes*.

**A Livraria Leitura** inaugurou mais uma loja no Shopping Interlagos, em São Paulo.

### Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

**Trabalhista - Cível - Família**

R. Major Basilio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo  
Tel.: (11) 2601-2200 - [scaranor@terra.com.br](mailto:scaranor@terra.com.br)



